

EDITORIAL

CINISMO MÉDICO?

Por João Cardoso de Castro

Como coordenador da Editora Unifeso, órgão responsável pelos periódicos desta Instituição, é motivo de orgulho disponibilizar a todos mais uma edição da Revista da Faculdade de Medicina de Teresópolis (RFMT). Qualquer profissional envolvido com o processo de publicação de periódicos, na área que for, sabe muito bem o desafio de se ter uma revista de acesso livre, com seu cronograma de publicações em dia. E isso não seria possível sem a dedicação de uma equipe muito especial, cujo fôlego parece não ter fim e a nossa assistente “campeã”, Jéssica Motta da Graça, o “coração” desta Editora, aqui merece uma citação especial. Este número, diferente dos anteriores, contou com os olhos atentos do Roberto Loureiro, nosso revisor, outra figura de peso nesta caminhada. Não se pode deixar de mencionar, claro, os editores da RFMT, Carlos Alberto Guimarães e Adenílson Fonseca, cujo compromisso tem feito a diferença.

Reconhecidos alguns “personagens” de destaque desta edição, gostaria de abrir este número com uma reflexão de natureza filosófica, que julgo importante, para não dizer fundamental, para o campo da Medicina ou ainda melhor, para o “agir” médico. Cabe um alerta, no entanto: a abordagem filosófica sobre a Medicina não é um “luxo” para àqueles médicos agradados com uma inclinação à contemplação. Trata-se de um dis-posição (termo que Heidegger utiliza para se referir à certa tonalidade afetiva) indispensável para que um médico possa, de fato, “ser” médico, como diz Josef Seifert. Neste sentido, o filósofo alemão Peter Sloterdijk, em seu clássico *Crítica da Razão Cínica*, nos traz uma reflexão interessante sobre a profissão. Escrevi sobre esta questão em minha tese de doutoramento, mas cabe repetir uma vez mais. Segundo Sloterdijk, em cada época ou civilização, certas pessoas acabam por desenvolver diferentes posturas em contato com corpos moribundos ou mortos, assim, poderíamos dizer dos soldados, dos carrascos, dos sacerdotes, para citar alguns em especial. No entanto, desde sempre, é no “agir” médico que se constrói o contato mais aprofundado com a morte e esta confrontação compulsória com a morte não aconteceria sem um preço. Na esteira do mal-estar diante do “morrer” na cultura Ocidental e confrontado com o fardo de lidar com este “deixar-de-ser-aí”, recai sobre o médico moderno a exigência mais radical: desenvolver um pseudo conhecimento, puramente técnico, mais íntimo que qualquer outro, capaz de lidar com a corporalidade e seu movimento orgânico. É preciso salvá-la. À qualquer custo! Mesmo reconhecendo que estamos, desde sempre, orientados para a morte, seja ela por doença ou envelhecimento, é na figura do médico moderno que as fichas contra o “morrer” são apostadas.

Mas onde, precisamente, reside a crise atual da medicina? Exatamente nesta tomada de posição: numa relação tortuosa e equívoca com a morte ou, dito melhor, com o “processo de morrer”. Sloterdijk diz: “Na luta entre a vida e a morte, os sacerdotes e os médicos escolheram campos opostos. Só o sacerdote pode, sem se tornar cínico e lançando um olhar clinicamente livre sobre a realidade, se alinhar do lado da morte, porque, nas religiões e nas cosmologias vivas, a morte é considerada como o preço normal da vida e como uma fase da grande ordem do mundo [...]”.

No caso do médico, no entanto, é saliente o fato de que sempre toma partido pela “vida”, entendido como a operacionalidade do organismo humano, não exatamente o que a filosofia originária, com a medicina grega, entendia por vida, enquanto *bios* ou mesmo enquanto *zoe*. Todo ofício médico, nos dias de hoje, parte deste “materialismo vital”, em parte, responsável pelos cenários mais grotescos de manutenção da vida que se pode assistir em qualquer unidade de terapia intensiva, as modernas *catedrais do sofrimento humano*, como diz Pessini. Sloterdijk complementa: “O médico toma o partido do corpo vivente contra o cadáver. Como os corpos viventes são a fonte de todo poder, aquele que salva o corpo torna-se um homem de poder”. O “cinismo médico” nada mais é do que um pseudo poder sobre a vida e morte do corpo. Partidário “absoluto” da vida do corpo e associado ao poder sobre ela, aí está preparada a cena para entrada do “cinismo médico”.

E sob a regência de uma *teoria* embasada na ciência moderna e seus pressupostos, e assentada na intensificação do uso de tecnologias e seu consequente determinismo, sobre a arte e prática médicas, o poder médico encontrou as condições ideais para o triunfo deste *cinismo*. O distanciamento *sujeito-objeto*, que a ciência determina em seu método, imposto na relação médico-doente, assegura ainda mais este *cinismo*, sobre uma relação que não poderia jamais deixar de ser essencialmente humana, “Eu-Tu”, mas que se faz degenerada sob a forma “Eu-Iso”, tão bem caracterizada pelo filósofo Martin Buber em seu livro *Eu e Tu*.

A fim de reafirmar seu poder sobre a vida, mais e mais espessura tecnológica se introduz nesta abertura onde médico-doença-paciente se dão, cristalizando uma crise já anunciada desde há muito, mas com vigor sempre crescente na medida em que esta relação se faz cada vez mais assimétrica e, por que não, mais inumana, intensificando seu caráter *sujeito-objeto*, “Eu-Iso”. Quais caminhos tomar neste cenário? Como podemos enfrentar este desvario? Eis algumas questões, prementes, dignas de se pensar...